

Educação a Distância: uma Prática da Liberdade?

Aurivar Fernandes Filho ^{*1}

¹ Professor de cursos técnicos da área de Gestão e Negócios no Senac Palhoça/SC. Tutor on-line no curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) no Senac EaD/SC. Rua Tiradentes, 03, Kobrasol, São José. aurivar_fernandes@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo realizou uma correlação ao aproximar as ideias de Paulo Freire com a Educação a Distância, utilizando basicamente o livro A Educação como prática da liberdade, do referido autor, e outros autores que debatem e discutem a EaD. O método escolhido foi o método qualitativo, por meio de pesquisa bibliográfica, elencando pontos em comum e discutindo como a EaD pode ser apontada como uma prática para a liberdade.

Palavras chaves: Educação a Distância; Paulo Freire; Liberdade.

Distance Education: Is it a Practice of Freedom?

Abstract

This paper conducted a correlation by approaching the author Paulo Freire with the Distance Education, using basically the book Education as the practice of freedom, the referred author and others, who debate and discuss Distance Learning. The method chosen was the qualitative method, through literature, listing common ground and discussing how the Distance Education can be identified as a practice for freedom.

Keywords: Distance Education; Paulo Freire; Freedom.

1. Introdução

A educação superior nos últimos tempos no Brasil tem acompanhado o avanço da Educação a Distância ao adotar essa modalidade de ensino (Censo EAD.BR, 2011). Inúmeras pessoas aderiram a esse modelo, aumentando e agregando conhecimentos e aperfeiçoando-se em seus cargos e funções (Nakazone, 2005; Souza & Leal, 2010). Grande parte dessa adesão à Educação a Distância está relacionada aos seguintes fatores: flexibilidade de horários, baixo custo para o estudante (quando comparado, em algumas faculdades particulares, com o ensino presencial), autonomia no ritmo da aprendizagem, disponibilidade de estudar em casa e/ou no trabalho, em função da distância geográfica dos grandes polos de ensino, dentre outros.

Pensar na EaD faz-nos refletir sobre metodologias, práticas, papel do professor/tutor, estudantes e demais atores envolvidos no processo de aprendizagem e questionar se tal modalidade pode ser apontada como aquela possível de capacitar cidadãos a adquirir criticidade frente ao mundo, tornando-se realmente autônomos, não somente de sua própria aprendizagem, mas diante da responsabilidade voltada para a consciência e liberdade.

Baseando-nos no pensamento freiriano a respeito da Educação como prática da liberdade, a visão de mundo para Paulo Freire (1967) é de uma realidade objetiva que é possível de ser conhecida; além disso, o homem – um ser de relações – está no mundo e com ele, daí resulta a abertura não só para a realidade, mas para uma pluralidade de relações que podem surgir. Tais relações surgem em resposta aos desafios postos por essas mesmas relações e possibilidades. Com isso, refletir sobre o homem e o mundo na atualidade requer apontar para outro momento, não somente político, mas de relações e desafios diferentes daqueles que o referido autor viveu. Nesse cenário, a EaD surge como uma modalidade que pode responder aos desafios da distância e do tempo que não mais se colocam como problemas. Há novas possibilidades com a libertação da distância geográfica e do tempo.

Assim, este trabalho realizou, por meio de pesquisa bibliográfica (Amaral, 2007), uma ponte entre as ideias e pensamentos de Paulo Freire sobre a Educação como prática da liberdade e a modalidade da Educação a Distância, traçando pontos em comum. Para isso, questionamos:

Como Paulo Freire concebe a Educação como prática da liberdade?

A Educação a Distância pode ser apontada como uma “prática da liberdade”, conforme o pensamento freiriano?

Em resposta a essas questões, discutiremos a Educação a Distância, Paulo Freire e a Educação como prática da liberdade e, finalmente, as possibilidades da EaD como tal prática.

2. A Educação a Distância

A Educação a Distância (EaD) foi definida por vários autores e, ao longo do tempo, a partir do que não era – relacionada à Educação presencial e/ou modelo tradicional de educação –, buscando, dessa forma, uma melhor compreensão do fenômeno relativamente novo para os profissionais da Educação e leigos, de modo geral (Nunes, 1994).

Contudo, vários desses mesmos autores conceituam-na de modo semelhante, trazendo aspectos que consideram relevantes, tal como Maia e Mattar (2007, p. 6) ao apontarem ser esta “uma modalidade de educação em que professores e alunos estão separados, planejada por instituições e que utiliza diversas tecnologias de comunicação e educação”. Porém adotaremos a definição citada por Pretti, que a destaca como:

uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento [...] que se coloca hoje ao educador que tem uma prática fundamentada em uma racionalidade ética, solidária e compromissada com as mudanças sociais (Pretti, 1996, p. 26).

Ainda assim, podemos citar que a EaD possui algumas características significativas para a aprendizagem dos alunos: a flexibilidade do tempo e espaço, a abertura de sistemas e maior autonomia do aluno. Mais do que isso, uma das estratégias basilares da EaD é “o aluno vencer o desafio de estudar sozinho, obtendo a autonomia do seu ato de aprender e para isso precisa desenvolver a habilidade de ter uma aprendizagem autônoma” (Silva, 2005, p. 4).

Todavia, a EaD passou por algumas transformações ao longo do tempo, desde a mediação pelo uso de materiais autoinstrutivos até a utilização de meios de comunicação como o rádio, a televisão, o telefone (primeira à quarta geração).

Acompanhando as evoluções tecnológicas, no momento atual, uma quinta geração da EaD envolve as redes digitais por meio do *e-learning* (realizada com dispositivos móveis: *tablet*, *palmtop* etc.). Por sua vez, deu origem ao *m-learning* (*mobile-learning*: nicho dos celulares e suas possibilidades de armazenamento de dados, visualização, *downloads* etc.), o qual proporciona maior flexibilidade de tempo e local; podendo ser acessado em qualquer lugar e momento, desde que se tenha acesso à internet (Aretio, 2004; Gomes, 2008; Tafner, Tomelin & Siegel, 2009).

Sendo assim, apontamos a autonomia como característica essencial na modalidade EaD, que traz consigo novas formas de subjetividades na educação; o aluno deixou de ser um receptor e/ou depositário da informação para tornar-se um pesquisador e autor no processo ensino-aprendizagem. Cabe lembrar que nem todos os alunos possuem tais características inerentes a si mesmos, porém a EaD modificou o papel dos professores como tutores, ou professores-tutores, professores-autores e monitores para auxiliar o aluno no alcance da autonomia, da liberdade para aprender e, mais ainda, de aprender a aprender.

3. Paulo Freire e a Educação como prática da liberdade

Em seu livro *Educação como prática da liberdade*, Freire realiza ampla contextualização histórica do momento no qual se encontrava (1960-1965), para posicionar na temporalidade as relações e os desafios nos quais ele e o mundo estavam inseridos e/ou imbricados, bem como o Brasil e a política nas décadas anteriores (década de 1920, apontando as oligarquias cafeeiras).

Apesar de tratarmos de uma Educação a Distância em tempos atuais, tomaremos as concepções de Paulo Freire na década de 1960, partindo de suas considerações e lutas para a educação de massas. Com isso, podemos questionar: qual o papel da Educação para o filósofo e educador? Inicialmente, ele declara que Educação está para liberdade e para o homem-sujeito, que reflete sobre si mesmo, seu tempo e espaço, não como figurante e/ou espectador, mas atuante e consciente de sua inserção na História (própria história e da humanidade).

Para alcançar essa liberdade, existem alguns entraves a serem vencidos, como a massificação, implicando acomodação e ajustamento impostos ao homem, não lhe permitindo discutir o que está ao seu redor e muito menos demonstrar sua capacidade

criadora. Por conta disso, entende-se como uma grande luta para superar os fatores que o tornem cerceado pela massificação, que o objetifica e coisifica, a ponto de adotar “um eu que não lhe pertence” (Freire, p. 43).

Com base nessas considerações, nota-se que a Educação, como prática democrática, permite ao homem a aproximação com a realidade e, a partir dessas relações, apropria-se de sua própria vida – seu eu –, decide, cria, recria, dinamiza seu mundo, humaniza a realidade; mais do que isso, acredita em sua capacidade criadora e crítica dos temas que permeiam sua vida e como isso pode interferir com o sujeito.

Assim, falar numa Educação libertadora para Freire remete automaticamente a tratar de uma consciência crítica, pois, segundo ele,

uma educação que, por ser uma educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel. [...] Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção (Freire, 1967, p. 57).

Podemos perceber nessas palavras que essa conscientização permite o empoderamento do sujeito para decidir e expor suas potencialidades ao refletir e optar por conta própria.

Levando em consideração esse mesmo empoderamento, a Educação deve ainda ser uma “tentativa constante de mudança de atitude”, ao propor uma saída da passividade e do conhecimento memorizado. Uma comunicação que implique, no estudante, o gosto pela pesquisa e constatação de novas possibilidades de criação e atuação na própria realidade.

Podemos perceber, a partir dessa mesma possibilidade de optar e mudar, a evidência de uma Educação fundada na democracia que acredita no homem e em sua capacidade de discutir os problemas de sua cidade, país e a própria democracia, desenvolvendo a impaciência e a vivacidade em busca de invenções e reivindicações.

Todas essas possibilidades não poderiam ser admissíveis sem considerar a dialogicidade, presente numa educação libertadora “identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso

espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito” (Freire, 1967, p. 106). Ou seja: possibilitando que o homem-objeto progrida de uma consciência mágica – capta os fatos e submete-se à docilidade e submissão aos acontecimentos que está ao seu redor – para a consciência crítica já citada, na qual o homem torna-se um sujeito integrado com a sua realidade e, por isso, transformador dela.

4. As possibilidades da EaD como prática da liberdade

A visão de mundo para Paulo Freire é de uma realidade objetiva, possível de ser conhecida; além disso, o homem – um ser de relações – está no mundo e com ele, aberto não só para a realidade, mas para uma pluralidade de relações que podem surgir. Tais relações surgem em resposta aos desafios postos por essas mesmas relações e possibilidades.

Contudo, refletir sobre o homem e o mundo na atualidade requer apontar outro momento não somente político, mas de relações e desafios diferentes daquele que Paulo Freire e seus contemporâneos enfrentaram. Porém cabe indicar que sua concepção de Educação – como forma de mudança e de libertação –, traz possibilidades de ligações/aproximações ao momento que vivemos como pessoas, profissionais e homens no mundo: exigindo-nos o desafio em adquirir conhecimentos para assim, entrelaçarmo-nos com o mundo em constante atualização.

Nesse cenário, surge a EaD como uma modalidade que pode responder aos desafios dessas relações com o mundo, no qual distância e tempo não mais se colocam como problemas. Há novas possibilidades na libertação da distância geográfica e de tempo (internet e um ritmo próprio de trabalho e estudo).

Mais do que isso, é uma educação que exige do aluno uma nova postura: a da pesquisa, não da repetição! A pesquisa que, atrelada à autonomia do aprender a aprender, incentiva o aluno a uma atuação do “eu me maravilho” apontado pelo autor; uma linguagem acessível e próxima do aluno, mesclando uma linguagem técnica à realidade dele, levando-o a questionar seu próprio aprendizado; podendo ainda ampliar suas possibilidades de enriquecer seu estudo, utilizando a indicação dos manuais fornecidos pelas instituições, outras literaturas, vídeos e músicas.

Percebe-se com isso uma imbricação do homem com o mundo e aquilo que está ao seu redor, podendo opinar, questionar e tornar-se, assim, homem-sujeito do seu tempo e realidade; utilizando a teoria para que o homem possa ser inserido numa “realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente” (Freire, 1967, p. 93) e, mais ainda, “realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito” (Freire, 1967, p. 106).

Ainda assim, o método ativo, escolhido por Freire para alfabetizar os trabalhadores rurais, apropriou-se de uma linguagem que aproximasse o cotidiano dos trabalhadores ao momento histórico, político e cultural, ao empoderá-los de criticidade e capacidade; o que muito se aproxima das atividades realizadas nos materiais impressos e diversos ambientes virtuais da EaD, nos quais são expostos estudos de casos e cases, orientados por uma equipe de profissionais (pedagogos, *webdesigners*, programadores, especialistas, professores especialistas das diversas áreas, revisores e designers instrucionais, etc.), a serem debatidos em chats, fóruns, wikis e demais ferramentas.

O papel ativo do qual tratava Freire, em que os trabalhadores deveriam ter diante de sua realidade, pode ser muito bem comparado à busca de autonomia do aluno na EaD na qual sua atitude autônoma é construída tendo como apoio tutores presenciais e a distância e professores especialistas das disciplinas – apontados por Freire como coordenadores de debates (por *e-mail*, telefone e encontros), instruindo-os e ajudando-os em suas dificuldades e dúvidas sobre o conteúdo e dando-lhes as ferramentas para auxiliarem-nos no processo ensino-aprendizagem como um método ativo e dialogal.

Não podemos esquecer-nos de citar que o tempo de trânsito (esvaziamento de antigos temas – para que novos temas possam surgir) é esclarecido por Freire como esse momento propício para que o homem possa integrar-se às mudanças surgidas em seu tempo; de onde segue também “sua capacidade de aprender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples joguete”, pode ser associado à liquidez de que Bauman (2003) tem tratado amplamente, em que novos referenciais permeiam nossas vidas e facilmente escorregam por nossos dedos, mudando e criando outros referenciais.

Mais ainda: a internet na atualidade, com seus aparatos tecnológicos e suas possibilidades de informação e aprendizado em diversas línguas, vídeos, textos, músicas, *downloads* etc. propõe esses novos temas, ao ser utilizada em favor de um aprendizado rico e, por que não dizer, sistêmico. Os ambientes virtuais, com sua liberdade e autonomia, são as ferramentas pelas quais os alunos podem aproximar-se da informática (alguns alunos podem não ter tido essa experiência antes), aprender sobre edição de textos, *downloads*, *chats* e videoaulas (sobre o mistério das mudanças pelas quais passaram) ao empoderarem-se da crítica a essas ferramentas – não mais como “joguetes da situação em que vivem e da realidade ao redor”.

Ademais, ao mesmo tempo Freire propunha um método ativo de educação baseado no diálogo e na democracia, sinônimo de liberdade e criticidade da realidade, chegando ao Nordeste, que tinha 15 milhões de analfabetos (numa população de 25 milhões, na década de 1960) e alfabetizava 300 trabalhadores em 45 dias. Em contrapartida, o Censo da Educação Superior em 2006 demonstra um aumento de 571% do número de cursos de Educação Superior a distância, que passou de 52 para 349 no período de 2003 a 2006 (Fiocruz, 2012), crescendo as possibilidades de uma “alfabetização” superior por meio de diversos cursos em universidades abertas e particulares, faculdades e centros de ensino superior em todo o Brasil.

Embora a EaD sofra inúmeras críticas quanto a seu modelo e atividades propostas, percebe-se grande procura pelas facilidades já citadas (custo, estudo em horários flexíveis etc.); não podemos deixar de reconhecer a oportunidade de uma ascensão educativa de todos esses alunos que, a partir dos conhecimentos adquiridos, puderam produzir conhecimentos por meio de suas monografias/trabalhos de conclusão de curso/relatórios de estágios/artigos de modo, crítico e libertador, apontando a realidade em que vivem por meio da democratização do ensino superior, alcançando todos aqueles que podem e não podem alcançar o nível superior na modalidade presencial numa universidade pública.

5. Considerações finais

Conforme apontado, para Freire a Educação como prática da liberdade está vinculada à criticidade, na qual se percebe a presença de um homem-sujeito atuante e consciente de sua inserção na história que, mais do que isso, decide, cria, recria,

dinamiza seu mundo, humaniza a realidade e faz suas próprias escolhas, como ser livre por meio das variadas oportunidades de mudanças.

Ao refletir sobre tais conceitos, podemos apontar a correlação dessa educação libertadora com a Educação a Distância no Ensino Superior, pois objetiva auxiliar o educando em sua aprendizagem, tornando-o centro do processo ao incentivar a pesquisa e a busca de sua autonomia (aprender a aprender).

Além disso, a imbricação do homem com sua realidade por meio do constante opinar e questionar, atrelando a teoria à prática conforme apontado por Freire, está presente também na EaD, nos manuais fornecidos pelas instituições de Ensino Superior, apontando literaturas, vídeos e músicas atuais, de modo que esse ensino e aprendizado esteja mesclado à linguagem técnica à realidade, por meio de estudos de casos e exemplos atuais.

Com isso, citamos que a EaD pode ser apontada como uma prática de liberdade ao oportunizar uma ascensão educativa a alunos de várias classes sociais, produzindo conhecimentos críticos, libertadores da massificação e repetição, apontando assim, com autonomia, a realidade em que vivem, numa busca constante de mudanças.

Referencias bibliográficas

Amaral, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. Fortaleza, 2007. Acesso em: 03 dezembro de 2012, disponível em <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>

Aretio, L. G. Aprendizaje móvil, m-learning – editorial. Bened, 2004. Acesso em 26 de maio de 2013, disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/.../artigo-senda.pdf>

Bauman, Z. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Censo EAD.BR: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2011. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

Freire, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Fundação Oswaldo Cruz. Notícias em Destaque. Acesso em 23 dezembro de 2012, disponível em: <http://www.ead.fiocruz.br/noticias/index.cfm?matid=8002>

Gomes, M. J. Na senda da educação tecnológica da Educação a Distância. Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano 42-2, p. 181-202, 2008.

Nakazone, B. V. Educação a Distância como ferramenta no combate ao analfabetismo de jovens e adultos em São Paulo. Acesso em: 03 de dezembro de 2012, disponível em: http://www2.abed.org.br/visualizaDocumento.asp?Documento_ID=130

Nunes, I. B. Noções de Educação a Distância. Revista de Educação a Distância, Brasília, Instituto Nacional de Educação a Distância, nº 4/5, dez./93-abr./94.

Pretti, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In: PRETTI, Oreste (org). Educação a Distância: inícios e indícios de um percurso. Cuiabá: UFMT/NEAD, 1996, p. 15-56.

Silva, A. C. R. da. Educação a Distância e o seu grande desafio: o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem. In: VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, 2005, Braga - Portugal. Anais. Braga: Universidade do Minho, 2005.

Souza, G. S. de; Leal, T. A. C. e S. Educação a Distância no Brasil: mudança social e tecnológica. Acesso em 03 de janeiro de 2013, disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/educacao-a-distancia-no-brasil-mudanca-social-e-tecnologica/45755/>

Tafner, E. P.; Tomelin, J. F.; Siegel, N. Educação a Distância e métodos de autoaprendizado. Centro Universitário Leonardo da Vinci. Indaiá: Uniasselvi, 2009.